



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11552 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 15 - Educação Especial

EDUCAÇÃO ESPECIAL, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA E GESTÃO ESCOLAR – POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO A LUZ DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE

Andréa Duarte de Oliveira - UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

A busca por uma sociedade pautada em processos que respeitem as diferenças entre os sujeitos e suas respectivas condições biopsicossociais encontram nas pesquisas educacionais uma fonte de informações e enfrentamentos que auxiliam nas discussões acerca da estrutura educacional pública na atualidade.

A pesquisa (em nível de doutorado, aqui apresentada) está sendo desenvolvida no espaço de ensino da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), instituída pela Lei nº11.892/08, que também cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. A construção da pesquisa é pautada na perspectiva Cultural Histórica da Teoria da Subjetividade fundamentada na epistemologia qualitativa, junto ao princípio construtivo-interpretativo. O processo descrito neste texto objetiva delinear princípios pedagógicos de docentes bacharéis, que também exercem cargo de coordenadores de setores ligados ao ensino e a pesquisa acadêmica, que atuam nos cursos de Ensino Médio Técnico e Superior Tecnológico.

Ao escolhermos o espaço da EPT na perspectiva da Educação Inclusiva, priorizamos conhecer práticas pedagógicas direcionadas à Educação Especial. Deste modo, entendemos a importância da existência de espaços para discussões e formações em serviço, com vistas à preparação para o exercício da profissão docente (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2019). A questão é quais são os limites dessas práticas e como elas reverberam nas respectivas rotinas acerca da inclusão de estudantes com deficiência na EPT, quando parte do corpo docente é formado por cursos de bacharelado.

Para nos orientarmos teoricamente, observamos González Rey e Mitjans Martínez (2017) apontando que “a subjetividade humana é uma produção qualitativamente diferenciada dos seres humanos dentro das condições sociais, culturais e historicamente

situadas em que vivemos, o que implica a rejeição de qualquer conceito ou princípio universal como base teórica (...)” (p. 62).

Já Santos (2020) afirma que

A subjetividade consiste em um sistema complexo de produção simbólico-emocional ante as situações vividas pelas pessoas, sintetizando dialeticamente as dimensões individual e social no seu processo de organização e desenvolvimento (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Esse sistema assume uma lógica configuracional que tem uma constituição fluida e contínua, integra sentidos subjetivos organizados em microcosmos intervalos chamados de configurações subjetivas. (p. 88)

A nossa escolha teórica nos auxilia a compreender o espaço dinâmico e multifacetado da escola como instituição social e como local de transmissão de conhecimentos curriculares e formação profissional. A teoria da subjetividade se constitui como arcabouço teórico que, ao decorrer do processo de construção de informações, se desenvolve e nos auxilia a entender diferentes formas de práticas docentes, sobretudo, junto à estudantes com deficiência.

Quando pensamos os participantes de nossas investigações, buscamos construir e analisar elementos que caracterizam sua criação e/ou adaptação constante a novas realidades culturais, nas quais, constantemente, novas formas de subjetivação se desenvolvem e como essas formas são externalizadas.

Nos estudos de Mitjás Martínez, Goulart, Tacca e Mori (2020), os autores entendem que, pela Teoria da Subjetividade, a educação se posiciona como uma reunião de processos e experiências em movimento constante, entrelaçando as dimensões individual, social, cultural e histórica. Assim sendo, temos uma constituição diversa e singular que se alicerça nas vivências que se configuram em processos complexos e intermináveis. Nesse constante, devemos conceber nossos estudos pautados na relação professor-aluno, privilegiando a pessoa que se educa.

Chaves e Rossato (2019) escrevem que os estudos sobre a subjetividade na perspectiva cultural histórica contribuem para o desenvolvimento de novas inteligibilidades e aportes teóricos nos processos de ensino-aprendizagem, valorizando a dimensão subjetiva da aprendizagem; pensando processos e formações essenciais na organização e ação nas relações pedagógicas.

Para Santos (2020) ao estudarmos o nosso contexto educacional (inserido numa lógica capitalista, ultraneoliberal e ultraconservadora) precisamos valorizar os sentidos subjetivos dos agentes educativos como uma estratégia importante para entendermos aspectos emocionais e simbólicos e como estes participam da sua prática profissional dentro dos espaços educacionais.

Em sua pesquisa sobre práticas na Educação Especial; Santos, Martínez e Anache (2021) defendem que a profissionalização docente é um processo que se desenvolve na prática laboral e ao longo da vida. Para as autoras este processo inicia-se desde antes do ingresso na carreira, num entrelace dialético da formação teórica, prática, experiências vivenciadas na vida social, na vida pessoal, na formação continuada e nas interações e conflitos decorrentes das diferentes experiências ao longo da vida desse profissional.

Ao nos depararmos com as leituras referentes a Teoria da Subjetividade, docência e Educação Especial, começamos a discernir a importância do cuidado com as diversas “faces” da existência de um professor e sua prática dentro de sala de aula. A Teoria da Subjetividade, através da epistemologia qualitativa, empregando o método construtivo-interpretativo, prima por uma relação construída e cultivada entre pesquisador e participante. Considerando um espaço de tamanha amplitude e contradição como a educação, em especial a educação para estudantes com deficiência, a construção dos contatos com participantes reflete o respeito e responsabilidade com a construção de informações para qualquer pesquisa que visa a compreensão desses sujeitos como construtores da própria história e protagonistas de suas respectivas práticas educativas.

O conjunto aqui apresentado se constitui de cinco participantes – de um grupo de vinte e três professores – que se destacaram ao tecer experiências laborais específicas do cargo de gestão educacional para além da prática de ensino com estudantes com deficiência. São docentes com experiência na EPT entre dois e dez anos, dois são doutores, dois mestres e um especialista; os cursos *stricto sensu* não são da área educacional.

Nesta construção de informações foram escolhidos instrumentos que estimularam a interação dialógica entre pesquisadora e participantes; no caso entrevistas e complemento de frases – todas realizadas individualmente. Abaixo alguns pontos que se sobressaíram aos diálogos.

Todos os docentes possuem sentidos subjetivos acerca da prática docente pautados no contexto de Ensino Superior. Para os docentes, o sentido da docência (cargo de concurso) traz referência de estabilidade financeira e poder aquisitivo (concurso para instância federal). O grupo de coordenadores tem dificuldade em estabelecer diálogo contínuo com a direção da instituição (todos mencionam falta de objetivo, diálogo e organização administrativa por parte da direção do campus); todos gostariam que acontecesse modificações no processo de documentação das ações da instituição (afirmam que o excesso de reuniões, documentos e ponto eletrônico para certificação de presença no trabalho são inoportunos e/ou prejudicam a eficiência dos servidores). De acordo com o grupo o excesso de compromissos originados com a função de coordenação prejudica o processo de planejamento de aula, fazendo com que, muitas vezes, os professores tenham que ministrar aulas com materiais ou planejamentos desatualizados; não há livro didático disponibilizado para o trabalho em sala de aula: como as disciplinas são técnicas, a prática de ensino é respaldada por laboratórios específicos para cada área de ensino (que são das áreas de Informação e Comunicação e/ou de Controle e Processos

Industriais).

O breve aporte, acima apresentado, sobre algumas das diversas percepções construídas durante a interpretação das informações concedidas, nos apontam que nas configurações subjetivas dos participantes, apesar de estarem no cargo de gestão institucional, o mesmo cargo não lhes oferece sentidos que proporcionem segurança, independência, criatividade e, sobretudo, tempo para pensar sua prática de ensino em sala de aula. Também, a possibilidade de participar do grupo de gestores da instituição não garante autonomia ou confiança institucional para pensar sua identidade como profissional da educação, haja vista os pontos de insatisfação e a percepção da falta de diálogo dos componentes do grupo em como gerir a instituição. Outro quesito que sobressai às falas é a constatação da prática de ensino sem o devido planejamento de aula; percepção que ganha mais destaque ao verificarmos que, por se tratar de disciplinas “profissionalizantes” os professores necessitam criar o próprio material para aplicar em sala de aula.

A Teoria da Subjetividade nos traz a possibilidade de investigação e construção de informações concomitante ao entendimento que a pesquisa alicerçada na epistemologia qualitativa entende os sujeitos como um complexo constituinte de histórias e singularidades; esses pontos são marcos teóricos para o desenvolver das pesquisas. Sobretudo em educação.

Ao disponibilizarmos as informações acima referidas, em nenhum momento deixamos clara a referência à modalidade Educação Especial. Porém, através das construções e interpretações, os docentes – que além de uma formação docente deficitária para atuação com estudantes com deficiência, se comprometem a exercer uma função a mais ao seu cargo – demonstram não possuir o devido respaldo à continuidade da profissionalidade docente, que é o pensar sua prática de ensino para sala de aula.

Entendemos que para pensar a docência para EPT e a concretização do direito à inclusão é primordial que a matrícula, permanência e êxito na escola se confirmem em práticas de ensino respaldadas sobre o respeito às individualidades e construções subjetivas dos sujeitos envolvidos na dinâmica educacional. Esse processo inclui, primordialmente, a gestão educacional.

REFERÊNCIAS

CHAVES, M. P. A dimensão subjetiva da aprendizagem em estudantes com deficiência intelectual. In: **Revista Educação Especial**, v. 32, jul, Santa Maria, 2019.

GONZÁLEZ REY, F L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade** – os processos de construção da informação. São Pulo: Cengage Learning, 2017.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da teoria da subjetividade. In: ROSSATRO M. PERES, V. L. A. (ORGs.) **Formação de educadores e psicólogos** – contribuições de desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica. Curitiba: Appris, 2019.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GOULART, D. M.; TACCA, M. C. V.R.; MORI, V. D. Teoria da Subjetividade: contribuições em diferentes campos e contextos. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R.; PUENTES, R. V. (ORGs). **Teoria da Subjetividade** – discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. Campinas: Alínea, 2020.

SANTOS, G. C. S. Expressões da subjetividade social na experiência docente e a educação de alunas com deficiência: tessituras e implicações complexas. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R.; PUENTES, R. V. (ORGs). **Teoria da Subjetividade** – discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. Campinas: Alínea, 2020.

SANTOS, G. S.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; ANACHE, A. A. A configuração subjetiva da docência de uma professora da educação especial e suas implicações na prática pedagógica. In: **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, nº 3, jun, Araraquara, 2021.

Palavras-Chave: Teoria da Subjetividade. Educação Especial. Educação Profissional e Tecnológica. Gestão de Ensino.